
Jornalismo *slow*: uma tipificação (in)oportuna?¹

Michelle Prazeres²

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo atualizar a reflexão relacionada à ideia de jornalismo *slow* a partir de pesquisa que demarcou elementos teóricos e práticos, agrupando-os sob esta noção. Os achados mais recentes da investigação apontam para uma reflexão crítica a respeito da própria tipificação construída e para sua pertinência, ancorada no espírito epocal relacionado à cultura da prensa e da velocidade, nomeada por Rosa (2019) como aceleração social do tempo. Acredita-se que a investigação contribui para pensar as relações entre a aceleração e a comunicação na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias; Comunicação; Velocidade; Aceleração; Cibercultura.

Este artigo tem como objetivo apresentar o momento atual da reflexão relacionada à ideia de jornalismo *slow*³. O estudo⁴ foi orientado por uma questão concreta, que provocou e deu origem a uma produção de ordem teórica, argumentativa e reflexiva que busca tecer contribuições para o campo da Comunicação, partindo da premissa de que é necessário pensar nas interfaces entre a comunicação e a aceleração social do tempo. Reivindica-se um lugar orgânico para o tempo nas pesquisas da Área.

Entendemos que a Comunicação - como prática social que não se reduz à ação e à produção do que circula nas mídias - está se reconfigurando a partir da relação com as tecnologias enquanto aceleradoras da experiência.

O jornalismo *slow* é o objeto que serve como condutor para a construção do pensamento em relação aos rastros e aos efeitos da aceleração da comunicação, fenômeno

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, no XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Doutora em Educação (FE-USP), atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PUC-SP).

³ A noção foi discutida neste GP no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em 2019, quando foi apresentado o trabalho “Comunicação e Jornalismo *slow* no Brasil: gênese e balanço de experiências nacionais”, disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0121-1.pdf>

⁴ Trata-se de pesquisa de pós-doutoramento realizada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

mais amplo, engendrado na fase avançada do capitalismo (datafocado, algoritmizado e vigilante) e na *dromocracia* enquanto regime societário.

O *slow* emerge deste contexto como campo de *dromoresistência* e empresta sua denominação ao jornalismo, prática social comunicacional que tem pautado discussões contemporâneas, ao ser atravessado pela “guerra da desinformação”. O contexto jornalístico é marcado (no âmbito da produção) pela hiperinformação e o excesso informacional; associado (no âmbito da circulação) à desinformação; e (no âmbito da recepção) à infociação (que mobiliza as forças contraculturais em torno de operações de literacia e “dietas informativas”).

Com uma suposta ampliação de possibilidades comunicativas, em especial pelas redes, que estabelece como “concorrência” da informação noticiosa (em uma disputa pela atenção e pelo tempo dos usuários) os conteúdos de consumo e entretenimento, o jornalismo feito por empresas jornalísticas (no Brasil, histórica e majoritariamente estabelecidas em modelos familiares, privados e baseados na venda da informação como mercadoria) manifesta seus limites e induz a um olhar para a sustentabilidade.

O jornalismo *fast* estaria conectado a práticas de produção, circulação e recepção em um contexto (primeiro) de “industrialização” e (atual) de controle e adaptação “implicada na reestruturação do modo de produção capitalista (...) e na instituição do consumo como sistema estratégico” (SODRÉ, 2021). O *slow* despontaria como paradigma de “alerta” para a erosão do processo de comunicação (aqui entendida como troca, vínculo, ponte e potencial de ressonância). Mas este confronto não é tão simples, cartesiano e nem tão “concreto”, como demonstram os achados desta investigação.

O nome “jornalismo *slow*” - que incomoda a lógica de um tempo em que tudo precisa ser uma fórmula, um modelo, um tipo, com um contorno preciso e replicável, com resultados mensuráveis e objetivos - é, na verdade, uma terminologia que se mostra necessária por fazer pensar, acordar e estar alerta, constituindo mais uma “atitude” (ou uma “postura”) relacionada à espessura temporal; do que uma ação pontual.

Quando a velocidade faz sentido e quando ela não faz, mas corremos simplesmente, por que a pressa é a regra e o ágil é o desejável? Que engrenagens constroem e instalam em nossos corações e mentes o desejo pela aceleração? Que mecanismos normalizam e normatizam o *fast* como qualidade do nosso tempo? O jornalismo *slow* é o objeto-condutor para refletirmos sobre estas e outras questões. E este

artigo documenta a trajetória de pesquisa que teve como foco essa denominação e seu entorno lógico (e epistemológico).

1. O que é o “lento”?

Entende-se que o jornalismo lento não é lento em absoluto. Ele é lento “em relação a” algo. Portanto, ao propor esta noção como forma de olhar para as práticas jornalísticas, a intenção é a de promover uma reflexão a partir de um conjunto de referências relacionadas à cibercultura e à aceleração social do tempo.

Acredita-se que ao conseguir elencar exemplos específicos e ilustrativos do que se chama de jornalismo lento, este estudo poderia mostrar que este se trata de um conjunto de relações que contribuem para a crítica à prática sistêmica do jornalismo em seu estado ultrarrápido e ultracurto. Para construir uma crítica deste jornalismo, olhou-se para a produção simbólica com referência na perspectiva da aceleração / desaceleração. Não se tratou de lançar um efeito nostálgico sobre o jornalismo, mas sim de mirá-lo pelas lentes da crítica da velocidade, reconhecendo que o jornalismo *slow* coexiste outros *jornalisms*.

Sabe-se que o jornalismo lento não é exatamente um modo de fazer, mas sim um modo de enxergar e de analisar a produção simbólica que se manifesta em determinadas práticas e precisa ser identificada para que delas emergja uma possível tipificação que, por sua vez, nutra o olhar crítico para a aceleração social a partir da comunicação jornalística.

A busca deste estudo, portanto, foi a de (1) identificar os modos de inserção de um possível jornalismo lento na sociedade e (2) caracterizá-lo no seu feixe de relações como fenômeno complexo, para (3) tecer uma crítica ao sistema de produção simbólica altamente veloz. Do ponto de vista concreto, a investigação partiu de uma classificação do jornalismo *lento* que desfrutava de certo incômodo justamente por ser uma tipificação, quando se sabia, de antemão, que o jornalismo *lento* pode estar associado a um modo de perceber ou praticar o jornalismo, mas que não se encerra como um modelo de prática replicável, tendo em vista que a qualidade de lento é relacional.

O lento, então, pode estar relacionado a aspectos como consistência, precisão, profundidade e reflexividade, que são relativos a contextos e subjetivos. Parecia possível afirmar que não é um modo de produção lento que “garante” o jornalismo lento. Nem tampouco um modo de recepção lento que “garante” a lentidão. Ou ainda que o *slow* seria garantido por formas de consumo (ou recepção) sensoriais, conscientes, profundas e que

preveem possibilidades de diálogo, interação com seus públicos. O que, então, seria a especificidade do jornalismo *slow*? Ao que diz respeito esta lentidão?

A lentidão diz respeito a contextos e conexões específicos e que, entrelaçados, resultam em uma produção simbólica relacionada a um universo de referência possível de se chamar de lento. Por isso, ao buscar caracterizar este modo de ver o jornalismo, este estudo buscou também refletir sobre a sua validade e legitimidade.

Cabe observar (em relação aos suportes condutores de produção simbólica) que a investigação partiu da premissa de que o jornalismo lento pode se manifestar em qualquer um deles; inclusive aqueles identificados como produção ultrarrápida, como a internet, o rádio ou a televisão. Cada forma de produção e cada suporte de condução (ou circulação) pode ser caracterizado por tempos e regimes de validação próprios. A questão em jogo era: ao pensar sob o paradigma do jornalismo lento, compreender em que condições ele se constitui e *se e como* ele se manifesta.

Sabia-se que a matéria é complexa, porque não é determinística. O jornalismo lento parecia ser uma estrutura dinâmica que envolve produtores, receptores, escalas de tempo, regimes de consumo, outras estruturas e contextos e condições de produção.

A partir da constatação de que este fenômeno existe, a intenção era a de abrir uma discussão, com o intuito de reconhecer a complexidade do objeto e desvelar seus componentes. O objetivo geral desta pesquisa era o de refletir sobre o jornalismo lento no que diz respeito (1) ao contexto (social, histórico, econômico, político e cultural) do qual ele emerge enquanto produção simbólica; (2) a aspectos de processos de produção e recepção; e (3) a seus expoentes em forma de produtos ou práticas. Um quarto objetivo emergiu no processo de pesquisa: o de investigar a pertinência da nomeação “*slow*” para o jornalismo, buscando compreender a especificidade epocal que a justifica.

2. Velocidade e jornalismo

Prazeres (2019) registrou que “desacelerar não é necessariamente ir devagar, mas sim questionar-se quando a velocidade faz sentido”. Em geral, quando ela não faz, corre-se, porque a pressa seria o “natural”, o “normal” ou o desejável. Este pensamento se aplica à vida urbana, mas também ao jornalismo, cuja prática se alicerça historicamente - entre outros aspectos - na corrida pelo “furo” e que sempre teve na velocidade um valor cercado por uma *aura* positiva.

Mas será que o *fast* seria sempre o ideal do jornalismo? Não necessariamente. Em um contexto de aceleração generalizada e velocidade impregnada (e naturalizada como ordem), especialmente nos ambientes digitais, o jornalismo se converte em produções ultra *fast* e ultracurtas, que se misturam a outros tipos de estímulos, informações e excessos em um cenário de hiperinformação, infoxicação e desinformação⁵.

É neste contexto que ganha contorno e sentido a reflexão que se apresenta neste estudo, sobre uma abordagem para o jornalismo, que se produz enquanto uma espécie de “contraponto” ao *fast*.

Diante do imediatismo, o jornalismo *slow* seria aquele que evita a competição por novidade rigorosa ou instantaneidade e leva tempo para desvendar e expor o contexto, as causas e consequências finais de um fenômeno. Essas formas jornalísticas colocam em questão, então, todas aquelas expressões, gêneros e formatos jornalísticos que, de alguma forma, estão fadados à extrema brevidade e fragmentação e que, conseqüentemente, levam à simplificação da informação, sua descontextualização e fragmentação. (BARRANQUERO-CARRETERO E ROSIQUE-CEDILLO, 2014)

Não se trata da negação da necessária velocidade do jornalismo *breaking news* ou da agilidade na apuração de fatos quando ela se constitui como prerrogativa do jornalismo que cumpre o seu papel social enquanto esfera produtora e mediadora de informações de interesse público. Trata-se de uma atitude cognitiva que busca olhar para a produção simbólica jornalística na perspectiva da aceleração / desaceleração e, assim, problematizar o contexto da produção de notícias em ambientes digitais e a naturalização da velocidade como caminho único, inevitável e desejável para *todas* as práticas contemporâneas de produção jornalística; ou ainda “o efeito de fetichização da velocidade”. Apontá-la é “uma contribuição para a elaboração de uma teoria crítica empenhada em reassumir o mundo como uma ‘tarefa’ humana” (MORETZSOHN, 2012).

O *slow* seria uma ideia que busca mobilizar elementos para apoiar uma reflexão crítica sobre o **jornalismo célere**, que tem na velocidade sua principal engrenagem; nas **brevidades** sua manifestação central; no **excesso informativo** seu entorno; e na **desinformação** uma de suas expressões - notadamente, por exemplo, quando se trata da velocidade que produz e facilita a sua disseminação em forma de *fakenews*⁶.

⁵ Para mais, veja Prazeres e Ratier, 2020.

⁶ Segundo Prazeres e Ratier (2020), *Fakenews* é o termo consagrado pelo senso comum para evidenciar esse fenômeno contemporâneo. Considerado vago por numerosa bibliografia, o conceito tem sido problematizado, em tentativas de definição mais específicas ou com a sugestão de sua exclusão pelo debate público.

Este percurso se inspira no que sugere Virilio (1996): a composição de uma dromologia - uma espécie de ciência da velocidade e da aceleração - relacionada às práticas jornalísticas em ambientes digitais; e se apoia na reflexão sobre a cibercultura em Trivinho (2007), que promove a compreensão do entorno tecnológico e da orquestração simbólica relacionada à velocidade como valor positivo na contemporaneidade, marcada pelo regime da *dromocracia*.

A *dromocracia* seria o regime social, político e cultural que rege a contemporaneidade e que tem na velocidade seu epicentro descentrado. Da compreensão da dromocracia, decorrem outras interpretações e aplicações como, por exemplo, a noção de *dromoaptidão*, que diz respeito não somente às competências que os indivíduos devem desenvolver para existir e se relacionar nesta condição, mas também - e sobretudo - à incorporação da velocidade como violência. Mesmo quando existe um suposto livre-arbítrio para “escolher a pressa”, trata-se de incorporação da violência epocal. A *dromoaptidão* abarca o conjunto de senhas infotécnicas necessárias para acessar ambientes tecnológicos, mas também os contratos sociais imprescindíveis para a sociabilidade a socialização destes indivíduos em qualquer ambiente, na medida em que a vida em sociedade é indexada pela velocidade.

Tal reflexão proporciona um olhar para a velocidade enquanto violência, presente como dinâmica social que ganha corpo e força apoiada em um poder comunicacional vigente, sem um centro emissor evidente, mas que se espraia na sociedade como um “oceano dromológico invisível de fluxos simbólicos e imaginários” (TRIVINHO, 2007) que conforma, por sua vez, uma ambiência (material e simbólica) da qual é difícil escapar. A crítica a este *modus operandi* se impõe como condição teórica e prática necessária para se vislumbrar outros cenários possíveis.

Esta crítica é encampada também por Rosa (2010), quando afirma que a aceleração é o motor da alienação. O autor enumera três dimensões da aceleração: (1) a aceleração técnica, que compreende a utilização de aparatos técnicos e tecnológicos para encurtar o tempo gasto em atividades como transporte, produção, comunicação etc.; (2) a aceleração das transformações sociais, que compreende o aumento do ritmo de transformações nas estruturas políticas, culturais, religiosas, científicas etc.; e (3) a aceleração do ritmo de vida, que concerne ao aumento da frequência de ações e vivências por unidade de tempo, gerador da sensação de falta de tempo.

A aceleração social do tempo se configura como uma condição contemporânea e reforça a velocidade como qualidade de uma informação que deveria: (1) ser produzida em tempo real; (2) chegar antes e se deslocar de forma ágil; e (3) ser consumida instantaneamente, pois buscaria interagentes supostamente desejosos por *brevidades*.

Reforçando a compreensão de que este estudo pode contribuir para a construção da crítica necessária à produção simbólica jornalística altamente veloz, considera-se o contexto de celeridade no qual o *jornalismo slow* se insere: um ecossistema social, político e cultural do qual ele emerge enquanto prática de (*dromo*)*resistência*.

3. *Slow*: arranjo cultural *dromoresistente*

Em oposição a este ecossistema *hiperveloz*, em meados da década de 80, desponta na Itália uma articulação de âmbito internacional que agrega indivíduos, grupos, coletivos e organizações da sociedade civil e busca promover modos de vida desacelerados em diversas esferas da vida, como na relação com as crianças, a cidade, a medicina e a comida. Trata-se do Movimento *Slow* (HONORÉ, 2005).

Entre os movimentos articulados sob a bandeira *slow*, o mais expressivo mundialmente é o *Slow Food*, precursor dos demais, que trata da desaceleração no campo da alimentação.

A cultura *slow* é uma contracultura, que “desafia a cultura da velocidade” (idem), nasce para resistir à cultura *fast* e se ancora na construção de uma relação consciente com o tempo, que promova iniciativas de valorização do local, do pequeno e do devagar; do consumo de produtos, bens e serviços bons, limpos e justos. São reverberações desta cultura as noções de convivência afetiva, atenção plena, minimalismo, consciência temporal, bem cuidar, simplicidade voluntária e suficiência, que foram apropriadas e convertidas em movimentos de vida simples, bem-estar e convivência nas cidades.

De Masi (2017. p.433) aponta que o *slow* é “dotação de sentido” e enumera os movimentos de ideias e projetos de ação que

confluem no esforço comum de contrapor ao modelo consumista da sociedade industrial um modelo novo que, abandonando os mitos da velocidade, da concorrência impiedosa, da dedicação incondicional ao sucesso e ao trabalho alienado, da mercantilização das relações, com consequente afrouxamento dos laços sociais, recupere algumas dimensões perdidas da vida (idem, p.435).

Ainda que tenha sido apropriada (e até *fetichizada*) pela lógica das redes e do consumo, a cultura *slow* é o fenômeno cultural amplo, que sustenta o pensar sobre o

processo do *jornalismo slow*, na medida em que sedimenta bases para a existência de diversos movimentos, entre eles, o *Slow Media*.

O *slow media* é considerado uma vertente do movimento *slow*. Sua origem é atribuída a um Manifesto⁷ de 2010. A partir do que considera um “experimento *slow media*”, Rauch (2018) elaborou uma definição sintética de *slow journalism*: o “jornalismo que faz uma crítica da cultura da velocidade” e que seria:

investigativo (reabilita trabalho braçal demorado e rejeita as novidades do pacote); **menos** (é mais seletivo e explicativo na escolha de tópicos, para evitar sobrecarga e trivialidade); **narrativo** (muitas vezes, embora nem sempre, assume uma forma mais longa, o que requer mais tempo para produzir e consumir); **justo** (mantém relações equitativas com os produtores, que são mais bem remunerados; atende ao tratamento de animais e da terra; dá aos consumidores acesso a conteúdo de qualidade a um preço justo; fornece transparência sobre as fontes de informação que utiliza); orientado para a **comunidade** (serve uma comunidade e alimenta uma esfera pública); e **participativo** (convida o público a contribuir com conteúdo, a se tornar parceiro de jornalismo e a se posicionar (RAUCH, 2018, p. 37-38)⁸.

4. Atributos e características do *jornalismo slow*

O esforço empreendido neste estudo tipificou o *jornalismo slow* como aquele que⁹:

- a) Privilegia a **qualidade** das informações em detrimento da quantidade de informação. Nesse sentido, resgata alguns cânones do jornalismo, como a precisão, a exatidão, a acurácia e o rigor na apuração, bem como zela por um processo de produção e apuração da notícia com *tempo justo*;
- b) É feito com **profundidade**, em contraposição à superficialidade das brevidades e das notícias “*clickbait*s”;
- c) Privilegia a **contextualização** das informações em oposição à fragmentação; produzindo uma informação caracterizada pela **durabilidade** ou pela **atemporalidade**, em contraponto ao “jornalismo efêmero”; é ancorado no **presente** e abre mão do fetiche do furo;
- d) Desfruta de (ou busca construir com relação ao público) uma relação de **credibilidade** e **confiança** sustentada em práticas **éticas** e **responsáveis**;

⁷ Para mais, veja Köhler, Benedikt e Sabria, 2010.

⁸ Tradução livre.

⁹ Para mais, veja Prazeres, 2019.

-
- e) Valoriza e pratica a **transparência** tanto na produção de notícias (em relação ao processo jornalístico), quando em relação às práticas de gestão do negócio ou empreendimento jornalístico; por ser movido por ideais de **cidadania** e **sustentabilidade** (inspirado na plataforma a *slow*, é possível associar este item ao que se chama de “práticas limpas”): produz **inteligência coletiva**, promove jornalistas **monotarefa**, contribui para a sustentabilidade, é distribuído por **recomendações** não-publicitárias e **respeita** os usuários.
- f) Busca a **diversidade** e as histórias inéditas em oposição à padronização; e busca a **humanização** (das histórias e personagens) em contraposição à impessoalidade. Isso proporciona um senso de **proximidade** e um engajamento ancorados na geração de **vínculo** e **sentido** para o público, além de um senso comunitário (tem relevância para uma **comunidade** ou foco no **local**) que se oporia a um tratamento “padrão” ou universal. Esta noção está conectada à ideia de que este tipo de jornalismo tem a potência de gerar **reflexão**, **compreensão** e **diálogo**, por ser uma prática de comunicação não orientada para a transmissão, mas sim, para a **ressonância**. Aposta no “poder da narrativa”; usa o potencial das mídias sociais; ativa *prosumers*; possui “ethos de comensalidade” e enxerga a audiência como colaboradores;
- g) É guiado por valores como a **simplicidade** (atua em pequena escala) e a **criatividade**.

Tais atributos e características dão conta de expressar qualidades de múltiplas ordens e que se misturam ao se manifestar na realidade em (1) valores que orientam as experiências; (2) práticas de autores; (3) modos de organização e funcionamento de projetos, negócios ou empreendimentos; (4) modos de sustentabilidade e financiamento; e (5) modos de relacionamento com as audiências.

5. Um exercício: olhar para experiências brasileiras

Tendo em vista a tipificação do *jornalismo slow*, a pesquisa buscou identificá-las em iniciativas brasileiras. Partindo da compreensão sobre comunicação presente em Marcondes Filho (2013), a busca por estas experiências se deu sob a orientação correspondente ao entendimento de que a lentidão poderia ser apreendida do processo, de

modo que a análise deveria se debruçar sobre a experiência e não necessariamente sobre a produção jornalística em forma de “produto final”¹⁰.

Ao olhar para as experiências, foi possível perceber uma série de nuances, entre elas, a de que uma produção pode ser *slow* em algum aspecto e que, por manifestar este aspecto, pode ser mobilizado enquanto expoente prático de uma reflexão crítica da comunicação *fast*, mas não necessariamente cumpre todo o “protocolo” de atributos e características para ser considerada *integralmente* lenta.

Este achado moveu a pesquisa para duas questões que são espelho uma da outra, a partir do entendimento de que não faz sentido pensar em uma experiência *integralmente slow*: (1) é possível pensar que as experiências podem manifestar alguns (e não todos) os atributos e características do *slow*; e que tais experiências seriam, portanto, híbridas, ao conter – simultaneamente - aspectos de lentidão e aspectos de aceleração; (2) não faz sentido pensar em uma tipificação do *jornalismo slow* enquanto um conjunto indissociável de características e atributos que compõem uma espécie de *checklist* a ser cumprido; estes itens, ao serem identificados em uma experiência, tampouco garantem que ela seja lenta, em função de este lento ser sempre relativo a um contexto específico.

A procura por uma tipificação se justifica, quando, ao se empenhar uma pesquisa teórica, buscam-se expoentes que possam iluminar a reflexão pretendida. Neste caso, reconhece-se que a tipificação trouxe novos elementos para este estudo, se mostrou importante como um exercício de olhar para a realidade e buscar nela sentidos práticos para as questões enfrentadas pela pesquisa.

No entanto, se mostrou igualmente uma “armadilha”, pois ficou evidente na análise das experiências que o movimento “natural” em contexto *fast* é o de inverter a reflexão e converter a tipificação em uma espécie de “fórmula” que – cumprida – garante que este ou aquele produto é – certamente – *slow* ou lento; quando este é – justamente – um modo de pensar característico do mundo marcado pela aceleração, onde se buscam – permanentemente – “dieta milagrosa” para todos os campos da vida. O *jornalismo slow* não é a “dieta milagrosa” do jornalismo, mas sim, um recurso reflexivo para conduzir a crítica da velocidade.

Nesse sentido, por mais que a tipificação se apresente como uma estratégia para olhar e reconhecer elementos lentos nas experiências jornalísticas, ela pode se constituir

¹⁰ Para mais, veja Prazeres, 2018.

em uma cilada para a resistência à velocidade, quando se apresenta em sua face de resolução imediata de um problema ou questão por meio do cumprimento de um modelo.

6. Elementos para uma crítica da tipificação

Neveu (2016) explora a utilidade do conceito de *jornalismo slow* “para funcionar como uma descrição abreviada da variedade de mudanças e alternativas que estão movimentando o campo”. O autor discute a polissemia do termo e afirma que sua complexidade pode denotar tanto uma força, como uma fraqueza. Para ele, os muitos níveis de significação do *slow* aplicados ao campo do jornalismo podem funcionar contra seu valor para uso empírico.

Ele sugere que se entenda a noção de *slow journalism* como um “tipo ideal” weberiano, cuja função é “questionar a realidade, não a descrever ou resumir”. Para ele, “se evitarmos prender o *jornalismo slow* muito de perto ou vê-lo como uma simplista oposição binária às práticas hipermodernas, pode de fato ser um conceito frutífero para dar sentido às mudanças atuais na prática do jornalismo”.

Neveu (idem) defende um “mapeamento mais suave” do *jornalismo slow* enquanto “explicativo, de não-ficção e mobilizado”. Para Rauch (2018), ao evitar uma definição estrita que possa oferecer algum tipo de “teste de pureza”, possibilita-se “prestar mais atenção às diferenças, hibridizações e ambivalências”.

O *jornalismo slow*, portanto, se mostra um *tipo ideal*, que não se manifesta de forma pura, mas a reflexão a partir da noção oferece parâmetros para a compreensão da realidade. O *slow* agrega um conjunto de parâmetros reflexivos para fomentar a crítica à hipervelocidade que caracteriza a produção, a circulação e o consumo do jornalismo na contemporaneidade; portanto, não está relacionado necessariamente ao tempo absoluto de duração (de produção, distribuição e consumo) ou à extensão de um produto informativo. O *slow* é relativo e tensiona a repensar os tempos do jornalismo.

O *jornalismo slow* se configura como uma espécie de “dique simbólico de contenção da infociação”, um olhar para a “forma de fazer jornalismo de qualidade em distintos gêneros e formatos, empenhando o ‘tempo *giusto*’ para garantir à audiência produtos de qualidade” (BENAÏSSA, 2017).

Inspirados em Marcondes Filho (2013), ao compreender a comunicação como um momento e não como um procedimento, é possível afirmar que o *slow* seria uma “força”,

que propõe que desloquemos o olhar para procedimentos, valores, atributos e olhemos para o processo da comunicação quando ela acontece.

Trata-se, portanto, de um impulso que reivindica o jornalismo enquanto comunicação, entendendo esta como acontecimento que se dá na relação, no *entre* e no *durante* e que, por isso, demanda um olhar para o tempo e o contexto em que se realiza. Se a velocidade embota a capacidade reflexiva, o *slow* aponta para uma oportunidade reflexiva para pensar diversas camadas e dimensões do jornalismo.

A tipificação, nesse sentido, se configura mais como uma abordagem, um conjunto de condutas dinâmicas ou um apoio parametrizador para a reflexão, do que como instrumento de controle que – se cumprido – *garante* algo. A lista, a fórmula, a “dieta milagrosa” da informação seriam o anti-*slow*. Porque o *slow* é justamente a ideia de que possamos olhar – a partir de parâmetros que estão permanentemente vivos e em movimento – para a realidade em sua complexidade.

7. Uma tipificação (in)oportuna?¹¹

Conforme visto antes, percebemos que a procura por uma tipificação encontra abrigo na busca por expoentes para iluminar a reflexão sobre o *slow*. No entanto, a classificação pode configurar uma *cilada reflexiva* ao ser apropriada – equivocadamente – em contexto *fast* como modelo. Vale, assim, iluminar algumas considerações à moda de uma conclusão.

Um primeiro ponto a ser discutido diz respeito à falsa questão que se põe em relação ao *slow* e a periodicidade do jornalismo. O *slow* não diz respeito (necessariamente) ao tempo cronológico, na medida em que uma publicação mensal ou trimestral pode ter sua produção baseada em regime acelerado de trabalho por parte dos jornalistas, por exemplo.

Isso também vale para pensar sobre o modo de produção de um veículo independente, alternativo ou comunitário, que pode não ser comprometido com as lógicas *clickbait*, mas ainda assim, ser movido por uma operação profissional altamente intenso e veloz. Por conta da fácil associação à questão das periodicidades, se usarmos o *frame* do *slow* como um modelo, tendemos a pensar que, por exemplo, uma revista semanal é

¹¹ A discussão contida neste item está referenciada em Reunião Científica realizada no âmbito do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Comunicação e Ciberultura - CENCIB da PUC-SP em agosto e setembro de 2020.

mais lenta do que um jornal diário. Ou que um veículo alternativo é mais lento do que um comercial. Ou ainda, que um canal digital é mais veloz do que um impresso.

Também podemos nos equivocar ao mirar *apenas* o que seria a qualidade e a profundidade alcançadas no produto. Tendemos a pensar que um mergulho no tema só é possível a partir de um *modus operandi* mais lento, quando ele pode ser também obtido, por exemplo, com uma equipe ampla e multidisciplinar empenhada por pouco tempo, mas de forma intensa àquele projeto.

Uma das lições desta investigação é a de que o *slow* se refere a *jornalismos* já existentes (ou seja: não se trata de um novo produto ou de uma nova forma de consumir), mas – ao mesmo tempo – não se refere necessariamente a nenhum tipo de jornalismo especificamente. Isso, porque ao pensar no *tempo de duração*, as primeiras relações que tendemos a fazer podem nos levar a falsas questões: periodicidades, tempo de produção ou tempo de consumo.

A variável da lentidão está relacionada a uma condição epocal. O incômodo com a tipificação se coloca, tendo em vista que esta definição talvez guarde semelhanças com a noção de criticidade do jornalismo ou com a ideia de reflexividade no jornalismo. Então, que tipos, formatos e canais estariam envolvidos neste jornalismo *slow*? No que esta ideia e esta prática se diferenciam em relação às características do *new journalism*, por exemplo?

Existe ou teria existido uma moralidade de um tempo que se relaciona a estes outros tipos de *jornalismos*. Trata-se do efeito de uma época, que reverbera em uma mentalidade, em atitudes e valores. Da mesma forma, existe uma moralidade desta época que germinou o *slow* como (re)ação. O progresso dromocrático cibercultural se impõe como violência invisível organizada e o *slow* seria, neste contexto, o horizonte pragmático de prosperidade. Essa relação é uma resposta de resistência de ordem política.

Ainda que a aduana acadêmica possa exigir que o termo seja, na sua construção, superativo em relação ao que circula no senso comum e nas redes ativistas, a ideia que o *slow* embute ao termo *jornalismo* é o mais importante aqui.

O título desta pesquisa (que nomeia o objeto jornalismo *slow*) sintetiza em palavras-chave uma intenção simbólica prioritária, independentemente de o nome ser uma mediação construtora do próprio objeto. Mais do que um nome, existe uma ideia e

essa ideia é o aspecto fundamental desta investigação, que – por sua vez – envolve o emprego de um vocabulário pertinente às condições objetivas da época.

Espera-se que tais denominações possam enriquecer com semântica nova paradigmas que podem ser fontes de referência como movimento teórico conceitual a ser realizado a partir daqui, em novas produções.

REFERÊNCIAS

BARRANQUERO-CARRETERO, A. e ROSIQUE-CEDILLO, G. **Comunicación y periodismo slow en España**. Génesis y balance de las primeras experiencias. Primer Congreso Internacional Infoxicación: mercado de la información y psique: Libro de Actas / coord. por Rosalba Mancinas-Chávez, Antonia Isabel Nogales Bocio. 32-47. 2014. <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5300634>> 19/07/2021

BENAISSA, S. **El Slow Journalism en la era de la “infoxicación”**. Doxa Comunicación: revista interdisciplinar de estudios de comunicación y ciencias sociales, 25, 129-148. 2017. <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6197715>> Acesso 19/07/2021

De MASI, D. **Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo**. Tradução Silvana Cobucci. Federico Carotti. 1a ed. São Paulo: Objetiva, 2017.

HONORÉ, C. **Devagar**. São Paulo: Record, 2005.

KÖHLER, B.; DAVID, S.; e BLUMTRITT, J. **The Slow Media Manifesto**. 2010. <<https://www.slow-media.net/manifest>> Acesso: 06/10/2018.

MARCONDES FILHO, C. **Nova teoria da comunicação, v. 1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico**. São Paulo: Paulus, 2013. Coleção comunicação.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002. 2a edição: fevereiro de 2012.

NEVEU, Erik. **On not going too fast with slow journalism**. Journalism Practice, 10:4, 448-460. 2016. DOI: 10.1080/17512786.2015.1114897.

PRAZERES, M. **Jornalismo lento – Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais**. Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM. v. 2, n. 4, 2018. Disponível em: <http://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/71> Acesso em: 14/12/2018.

PRAZERES, M. **Comunicação e Jornalismo slow no Brasil: gênese e balanço de experiências nacionais**. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém - PA. Intercom. <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0121-1.pdf>> Acesso: 19/07/2021.

PRAZERES, M.; RATIER, R. **O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 86-

95, jun. 2020. ISSN 1984-6924. Acesso: 04/08/2020. doi: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2020v17n1p86>

RAUCH, J. **Slow Media: Why Slow is Satisfying, Sustainable, and Smart** (English Edition). Oxford: Oxford University Press, 2018.

ROSA, H. **Alienation and Acceleration: Towards a Critical Theory of Late- Modern**. Malmö / Arhus: NSU Press, 2010.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. Tradução: Rafael Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças**. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

TRIVINHO, Eugênio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2007.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.